

# EQ NEWS

REVISTA CIENTÍFICA

TRENDS  
DE CIENCIA  
EM 2025

Foto criada por IA

## ENTRE O LÁPIS E O ALGORITMO

Como estudantes, professores e a linguagem estão se reinventando na era das máquinas que escrevem



[www.EQnews.com](http://www.EQnews.com)

EM TEMPOS EM QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NÃO  
APENAS CALCULA, MAS TAMBÉM ESCREVE, RESUME,  
TRADUZ E ATÉ SUGERE ARGUMENTOS, A PRODUÇÃO  
DE TEXTOS E A COMUNICAÇÃO HUMANA  
ATRAVESSAM UMA TRANSFORMAÇÃO SEM  
PRECEDENTES. ESTA EDIÇÃO DA NOSSA E-ZINE  
NASCE JUSTAMENTE DESSA INQUIETAÇÃO: O QUE  
MUDA QUANDO A ESCRITA DEIXA DE SER APENAS  
HUMANA?

VIVEMOS UM MOMENTO DE TRANSIÇÃO.  
FERRAMENTAS COMO CHATGPT, GRAMMARLY,  
DEEPSEEK E OUTRAS DEIXARAM DE SER  
CURIOSIDADES TECNOLÓGICAS PARA SE TORNAREM  
PARTE DO COTIDIANO ACADÊMICO E PESSOAL.  
ESTUDANTES UTILIZAM IA PARA ACELERAR TAREFAS,  
PROFESSORES ENFRENTAM DILEMAS ÉTICOS PARA  
AVALIAR PRODUÇÕES, E A COMUNICAÇÃO DIGITAL  
COMEÇA A EXIBIR TRAÇOS DE UM VOCABULÁRIO  
HÍBRIDO ONDE O HUMANO E O ALGORITMO SE  
MISTURAM.

MAS ESTE NÃO É UM EDITORIAL ALARMISTA. PELO  
CONTRÁRIO: QUEREMOS ABRIR ESPAÇO PARA UMA  
REFLEXÃO CRÍTICA, SENSÍVEL E CONSTRUTIVA. NESTA  
EDIÇÃO, DISCUTIMOS O PAPEL DA IA NA PRODUÇÃO  
DE TEXTOS ACADÊMICOS, OS IMPACTOS NA  
LINGUAGEM E, ALÉM DE TRAZER ENTREVISTAS,  
OPINIÕES DE ALUNOS, DADOS VISUAIS E  
PROVOCAÇÕES SOBRE O QUE SIGNIFICA APRENDER,  
ENSINAR E COMUNICAR NA ERA DAS MÁQUINAS QUE  
ESCREVEM.

MAIS DO QUE RESPOSTAS, ESTA REVISTA OFERECE  
PERGUNTAS QUE VALEM SER PENSADAS COM CALMA  
PORQUE TALVEZ O VERDADEIRO DESAFIO NÃO SEJA  
EVITAR O USO DA IA, MAS APRENDER A USÁ-LA COM  
ÉTICA, AUTORIA E CONSCIÊNCIA.

SEJA BEM-VINDO A ESSA CONVERSA.

EQUIPE EQ NEWS

# Panorama Geral



A inteligência artificial (IA) já não é mais uma promessa distante: ela está presente em quase todos os aspectos da vida moderna e isso inclui, de forma profunda, o universo acadêmico e a maneira como nos comunicamos. O objetivo desta edição é refletir justamente sobre essas transformações.

A IA pode ser definida como um conjunto de tecnologias capazes de simular comportamentos humanos, como interpretar textos, traduzir idiomas, organizar ideias e até gerar conteúdo inédito. Ferramentas como ChatGPT, Grammarly, tradutores automáticos ou resumos inteligentes já fazem parte da rotina de muitos estudantes, professores e profissionais da comunicação.

Na educação, o uso da IA tem gerado debates importantes. Por um lado, ela traz ganhos em produtividade, permite o aprendizado personalizado e estimula a autonomia dos alunos. Por outro, levanta preocupações com plágios, desinformação e o esvaziamento do pensamento crítico, especialmente quando a Inteligência Artificial é utilizada como substituta e não como apoio na construção do conhecimento.

## **IA e Educação: uma nova gramática para o saber**

Já na comunicação, a IA está moldando novos estilos de linguagem. Textos mais claros, objetivos e “neutros” se tornam comuns, mas podem perder autenticidade e subjetividade. As mensagens digitais ganham eficiência, mas muitas vezes soam impessoais, como se não tivessem um autor real. Isso afeta como nos expressamos e como nos conectamos.

Diante disso, refletir sobre o uso ético, consciente e criativo da IA se tornou essencial. Não se trata de rejeitar a tecnologia, mas de aprender a usá-la com propósito, sem abrir mão da autoria, da crítica e da linguagem viva que nos torna humanos.

# Entrevista com docente

Para aprofundar nossa discussão sobre os impactos da Inteligência Artificial na educação e na comunicação, elaboramos algumas perguntas e convidamos um docente da UFSCar para compartilhar sua visão sobre o tema. A entrevista aborda desde o uso da IA em tarefas acadêmicas até os dilemas da originalidade e autoria no ambiente universitário.



O estudante-repórter Arthur Paranaíba que acompanhou a entrevista com o professor sobre o uso da IA no meio acadêmico.

## **1. Sobre o uso da IA no meio acadêmico**

**Você acredita que a Inteligência Artificial pode ser uma aliada no processo de ensino e aprendizagem? Por quê?**

"Sim, desde que usada com moderação. A IA pode ser uma excelente aliada, especialmente para tarefas repetitivas, levantamento bibliográfico, organização de ideias e revisão gramatical. Ela reduz barreiras que antes impediam muitos alunos de se expressar academicamente com clareza. Mas é importante lembrar que ela não pensa pelo aluno. Mesmo que ela ofereça sugestões de informações e ideias, quem deve pensar é o estudante."

## **2. Na sua visão, a IA contribui para a autonomia ou para a dependência do estudante?**

"Depende de como é usada. Um estudante que aprende a usar a IA como ferramenta de apoio se torna mais preparado, sim. Mas quem usa de forma abusiva, apenas para resolver tudo mais rápido, fica dependente e pior: deixa de desenvolver habilidades fundamentais como escrita e argumentação."

## **3. Sobre a produção de textos acadêmicos**

**Como o senhor percebe o impacto da IA na qualidade dos trabalhos entregues pelos alunos?**

"Os trabalhos estão mais 'certinhos', mas menos originais. Vejo uma melhora formal, mas muitas vezes o texto perde personalidade. Isso é um sinal claro de que a IA foi usada sem reflexão crítica. Prefiro um texto com erros, mas que revele o aluno, do que um texto perfeito e vazio."

## **4. O senhor já suspeitou que algum trabalho foi feito ou fortemente editado por IA? Como lidou com isso?**

"Sim, já aconteceu. Normalmente percebo pela cara artificial do texto, falta de conexão entre partes ou ausência de erros naturais. Às vezes pergunto sobre o processo de produção. Há vezes em que é só excesso de revisão automática. Outras vezes, o próprio aluno admite que usou da IA."



IMAGEM DA  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SÃO  
CARLOS ONDE OS  
DOCENTES E  
DISCENTES FORAM  
USADOS NA  
PESQUISA



**5. Sobre a resposta institucional, você acredita que será necessário repensar os métodos de avaliação por causa da IA?**

“Sem dúvida. Avaliar apenas por texto escrito não é mais suficiente. Precisamos incorporar avaliações orais, entre outros tipos de avaliação, participação ativa, portfólios e reflexões pessoais. A IA nos obriga a focar menos no produto e mais na autoria.”

**6. Sobre comunicação e linguagem, na sua opinião, o uso de IA afeta a capacidade dos alunos de se expressarem de forma original e autêntica?**

“Sim, pode afetar, especialmente se o estudante passa a confiar demais na forma "bonita" do que a IA escreve. Além de que muitos estudantes nem revisam o texto criado pela IA e acreditam cegamente nela.”

**7. Olhando para o futuro Como o senhor imagina o papel do professor nos próximos 5 a 10 anos, considerando o uso crescente dessas tecnologias?**

“O professor deixará de ser apenas transmissor de conteúdo para também se tornar mediador do processo de pensamento. Vai ensinar os alunos a pensar com as máquinas. E também vai ter que se reinventar: ser mais mentor do que fiscal.”

**8. Se pudesse dar um conselho aos alunos que estão começando a usar IA nos estudos, qual seria?**

“Não deixe que a IA roube seu pensamento. Use como apoio, mas nunca como atalho. Aprender é mais do que produzir um bom texto, é construir repertório, fazer escolhas, errar e reescrever. A IA pode ajudar, mas o pensamento ainda tem que ser seu.”

A entrevista nos mostra que a presença da Inteligência Artificial na educação não é mais uma possibilidade futura, e sim uma realidade presente, que desafia professores, alunos e instituições a se adaptarem com responsabilidade. Mais do que rejeitar ou aceitar cegamente essas novas ferramentas, o caminho está no uso consciente, crítico e ético. O papel do professor se transforma, deixando de ser apenas transmissor de conteúdo para se tornar mediador do pensamento. O aluno, por sua vez, precisa aprender a usar a IA como apoio e não como substituto do próprio raciocínio. Seja nos métodos de avaliação, na forma de ensinar ou na relação com a linguagem, a tecnologia exige que repensemos velhos modelos. E, como reforçou o docente: pensar continua sendo tarefa humana.

# Opinião dos Alunos

## O que os alunos pensam sobre o uso de IA na faculdade

Com a popularização de ferramentas como ChatGPT, Grammarly e tradutores automáticos, muitos estudantes universitários começaram a integrar a inteligência artificial ao seu dia a dia acadêmico. Mas como isso está sendo vivido dentro da sala de aula? Conversamos com alunos dos primeiros semestres do curso de Engenharia Química, e aqui estão algumas das opiniões que mais se repetiram:

### 1. Como e por que usamos IA?

“Uso bastante pra fazer resumos de textos longos ou quando tô com pressa e preciso entender o conteúdo mais rápido. Também já usei pra revisar redações e melhorar frases em trabalhos.”

“Quando tenho que escrever algum relatório e não sei por onde começar, às vezes peço uma ideia inicial. Mas nunca deixo o texto final ser totalmente da IA.”

### 2. Aprendo mais ou menos com IA?

“Acho que aprendo diferente. A IA não estuda por mim, mas facilita muito o processo. Se eu uso com consciência, ela até me ajuda a entender melhor o conteúdo.”

“Já me salvou em algumas matérias, mas percebo que, às vezes, fico com preguiça de pensar por conta própria. Tento equilibrar.”

### 3. Há dúvidas ou medos?

“Já fiquei com medo de entregarem um trabalho meu e acharem que foi plágio só porque usei IA pra revisar. A gente nunca sabe direito qual o limite.”

“Uma vez pedi pra IA me explicar um conceito de química e ela respondeu tudo errado. Tive que confirmar com o professor depois.”

### 4. O que esperamos da universidade

“Não adianta proibir. Tinha que ter uma disciplina explicando como usar IA do jeito certo, com ética e responsabilidade.”

“A IA vai fazer parte da nossa rotina pra sempre. Melhor aprender a usar direito agora do que errar por falta de orientação.”

Os depoimentos mostram que a IA já faz parte da rotina acadêmica, mesmo que ainda cercada de dúvidas, aprendizados e expectativas. O mais importante, no entanto, é perceber que os estudantes não querem apenas respostas prontas querem entender, participar e se sentir preparados.

Cabe às instituições oferecer o suporte necessário para que o uso da IA seja consciente, ético e produtivo.



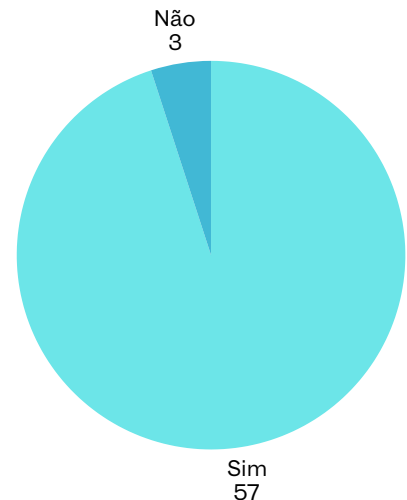
# Infográfico

No infográfico, foi aplicado um formulário com três perguntas simples para 60 estudantes da universidade pública, de maneira a entender como a Inteligência Artificial está sendo aplicada no ambiente universitário. O objetivo era levantar dados rápidos e reais sobre a frequência, os usos e a percepção geral dessas ferramentas.

As perguntas aplicadas foram:

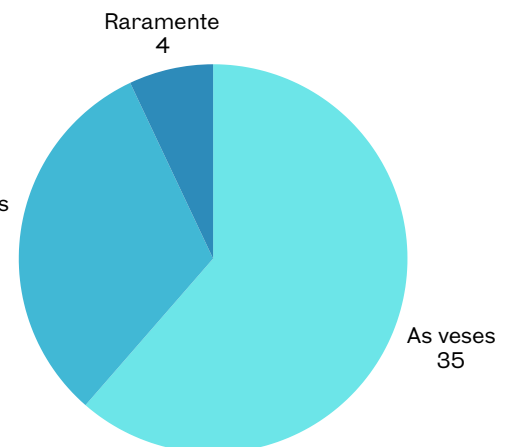
- **1) Você já usou alguma ferramenta de IA?**

- Sim
- Não



- **2) Com que frequência você usa IA?**

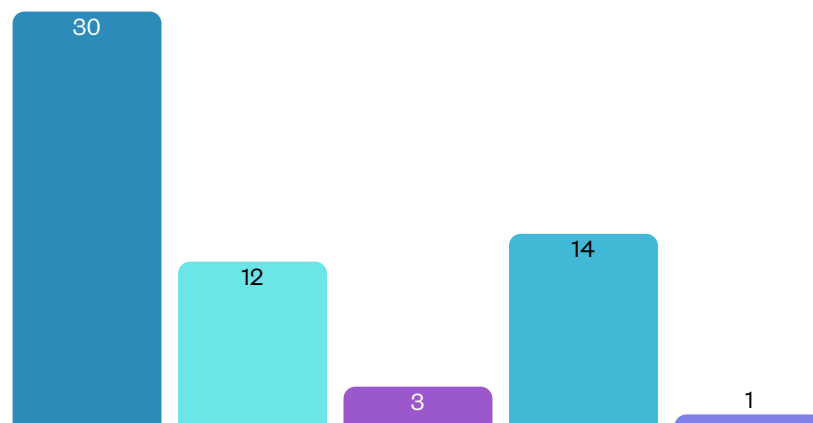
- Quase todos os dias
- As vezes
- Raramente



- **3) Para que finalidade você costuma usar IA?**

- Escrever ou revisar textos acadêmicos
- Pesquisar temas e conceitos
- Traduzir ou corrigir gramática
- Criar resumos ou esquemas
- Outros

Os resultados a seguir mostram como o uso da IA já faz parte da rotina de muitos alunos e induzem à reflexão sobre seu papel no futuro da educação.



- Escrever ou revisar textos acadêmicos (30)
- Pesquisar temas e conceitos (12)
- Traduzir ou corrigir gramática (3)
- Criar resumos ou esquemas (14)
- Outros (1)



# Ética e Políticas

Foto criada por IA



## Ética em Foco: Os Dilemas Que Envolvem a IA

Com o avanço das IAs generativas, surgem dilemas éticos que exigem atenção urgente. Ferramentas que auxiliam na escrita e comunicação também carregam riscos: reforço de preconceitos, apagamento da autoria humana e decisões automatizadas com impactos reais.

## Discussões recorrentes

### Viés Algorítmico:

Pesquisadores alertam: mesmo sem dados explícitos, sistemas de IA usados em crédito ou seleção de candidatos podem perpetuar desigualdades sociais e raciais. Falta transparência e controle sobre como esses algoritmos operam e quem sofre as consequências são, geralmente, os mais vulneráveis.



Foto criada por IA

### IA Geral e o problema da responsabilidade

À medida que avançamos rumo à chamada Inteligência Artificial Geral (AGI), sistemas com capacidade de raciocínio mais ampla e autônoma surgem preocupações maiores com segurança, previsibilidade e controle. Se um sistema age de forma adversa ou imprevisível, quem deve ser responsabilizado? Os engenheiros? As empresas que o comercializam? Ou os usuários que o operam? A definição clara de responsabilidades se torna cada vez mais urgente.

### Máquinas com Direitos?

E se a IA um dia adquirir consciência ou sensações? Bostrom e Yudkowsky levantam uma hipótese incômoda: máquinas conscientes poderiam ter status moral — ou seja, direitos semelhantes aos dos seres humanos. A frase provocativa que circula entre especialistas resume bem essa inquietação: “Mesmo que criemos uma consciência artificial, as pessoas ainda debaterão por 100 anos... devemos errar pelo lado da empatia e compaixão.” A discussão, embora pareça distante, nos força a pensar com responsabilidade ética desde já.





Foto criada por IA

# Prompt Engineering

## A Resposta Não Depende Da Máquina Depende da Pergunta

No tópico “Prompt Engineering”, a arte e a técnica que definem se uma conversa com a máquina será genial ou decepcionante. Imagine ter em mãos um oráculo capaz de responder quase tudo mas que depende inteiramente de como você faz a pergunta.

É exatamente isso que acontece com modelos de inteligência artificial como o ChatGPT. Eles não são clarividentes: são ferramentas poderosas que precisam de instruções claras, específicas e criativas. Essa é a essência do Prompt Engineering: formular comandos, perguntas ou descrições tão bem pensados que guiem a IA a gerar respostas mais ricas, úteis e até inovadoras.

### ● Prompt ruim:

"Fale sobre inteligência artificial nas empresas."

Esse prompt é vago e genérico. O modelo de IA pode trazer uma resposta superficial, cheia de informações soltas, sem foco no setor de vendas ou na produtividade — exatamente o que você não quer entregar para a empresa.

### Por que isso importa?

Dominar a formulação de prompts é essencial para obter respostas mais precisas e relevantes da IA. Comandos mal elaborados frequentemente resultam em respostas superficiais, refletindo falhas humanas, não tecnológicas. Como afirmam especialistas: “Perguntar bem é programar sem programar.” O verdadeiro diferencial está na forma como se pergunta e essa habilidade está ao alcance de todos.

### ● Prompt refinado:

"Crie um relatório estruturado, de até 2.000 palavras, analisando os impactos positivos e negativos da inteligência artificial na produtividade de equipes de vendas, considerando automação de tarefas, análise preditiva e personalização do atendimento ao cliente. Use dados recentes e apresente exemplos práticos."

Nesse prompt, você deixa claro:

- O tema central (IA na produtividade de vendas).
- Os tópicos a abordar (automação, previsão, personalização).
- O formato e extensão (relatório de até 2.000 palavras).
- O nível de profundidade (dados e exemplos).



# Influencia da IA NA ACADEMIA

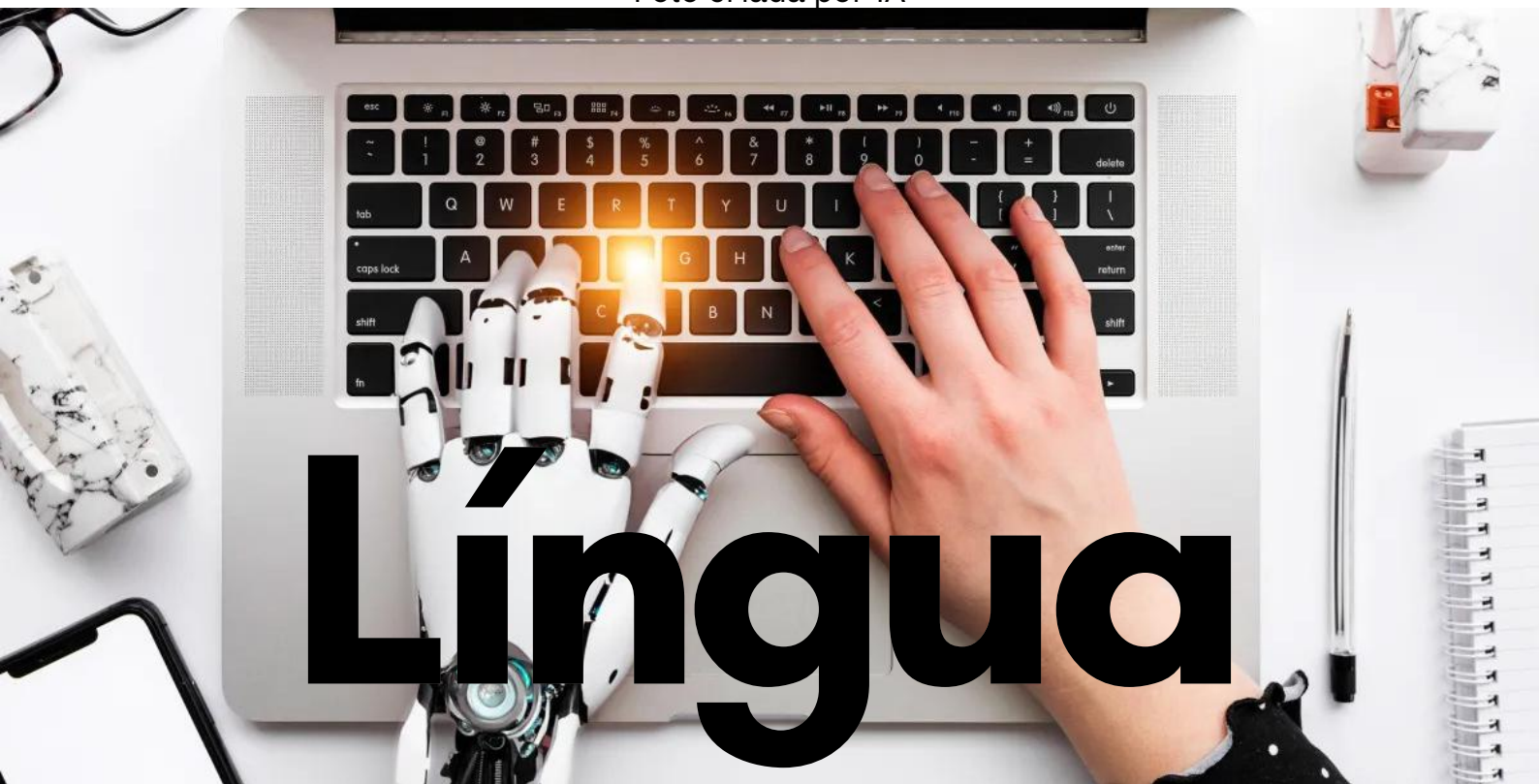
## O fim dos trabalhos de faculdade como conhecemos?

Durante décadas, escrever bem era praticamente sinônimo de sucesso acadêmico. Artigos, redações, resenhas, monografias a escrita sempre ocupou o centro da avaliação no ensino superior. Mas com a ascensão da IA generativa, como o ChatGPT, esse modelo começou a ser questionado. Afinal, até que ponto o texto entregue reflete, de fato, o pensamento do autor? Será que estamos testemunhando o fim da escrita como principal forma de demonstrar conhecimento?

A escrita acadêmica não está morrendo, mas passando por uma transformação profunda. Com o avanço das inteligências artificiais, especialmente as que geram textos, torna-se inevitável repensar como avaliamos o aprendizado. Não se trata mais de cobrar apenas um produto final, mas de valorizar o processo: o raciocínio por trás das ideias, o esforço de organização e a intenção do autor. Integrar a IA de forma ética e transparente pode enriquecer o percurso de aprendizagem, desde que o estudante permaneça ativo, crítico e consciente no uso dessas ferramentas.

Nesse novo cenário, o papel da universidade também precisa evoluir. Mais do que formar bons escritores, é preciso formar mentes capazes de analisar, argumentar e pensar com autonomia. A tecnologia pode auxiliar, mas o pensamento continua sendo responsabilidade humana. Se encararmos essa transição com coragem e criatividade, teremos a chance de construir uma educação mais alinhada com os tempos atuais em que saber usar a linguagem, inclusive a mediada por IA, é tão importante quanto saber escrevê-la do zero.

Em resumo a escrita acadêmica não está morrendo. Está se reinventando. O desafio não é resistir à IA, mas redesenhar a relação entre linguagem, pensamento e avaliação. Se encararmos essa transição com coragem e criatividade, talvez descubramos algo valioso: que o verdadeiro papel do ensino superior não é formar bons redatores mas formar pensadores conscientes.



## **Como a IA está transformando nossa forma de nos comunicar**

Imagine receber uma mensagem do seu chefe às 8h da manhã. O texto é direto, claro, impecável na gramática — sem vírgulas fora do lugar, sem emojis, sem hesitação. Tudo milimetricamente polido. E então você percebe: foi escrito por uma inteligência artificial.

Cenas como essa estão se tornando cada vez mais comuns. Hoje, não só conversamos com algoritmos, mas também por meio deles. A IA não apenas escreve por nós, como influencia o tom, o estilo e até a intenção da mensagem. Será que estamos nos tornando mais eficientes? Ou apenas mais genéricos?

Ferramentas como ChatGPT, Grammarly, Jasper e até os corretores automáticos do celular prometem algo tentador: escrever melhor, mais rápido, com clareza e elegância. Mas essa eficiência tem um custo.

Muitas vezes, o resultado é um texto que:

- Serve para qualquer um;
- Parece educado, mas sem personalidade;
- É tão correto que chega a ser frio.

Afinal, escrever bem não é só evitar erros de português. Comunicar-se envolve subjetividade, sotaques, humor, hesitações e vícios de linguagem — justamente aquilo que torna a linguagem humana.



# Barreiras e inspirações

## IA no cotidiano:

invisível, mas presente

A presença da IA em nossa comunicação diária é mais profunda do que parece.

Ela está nas sugestões automáticas do Gmail e WhatsApp. Nas legendas geradas em vídeos do TikTok e YouTube. Nos chatbots que imitam empatia em atendimentos. Nos tradutores simultâneos que "reconstroem" nossa fala em outros idiomas.

Essas ferramentas moldam uma nova forma de se comunicar: mais rápida, mais clara, mas por vezes menos profunda. Há um padrão emergente de comunicação eficiente, mas filtrado. E isso transforma a forma como pensamos, sentimos e nos conectamos.

IA como ferramenta de inclusão

Nem tudo são alertas. A IA também democratiza a comunicação como nunca antes:

- Pessoas com deficiência visual usam leitores com IA para acessar textos longos;
- Pessoas surdas contam com traduções automáticas para Libras e avatares que interpretam falas;
- Quem tem dislexia pode escrever com auxílio de ferramentas preditivas e de leitura facilitada;
- Traduções simultâneas rompem barreiras linguísticas em tempo real.

Esses avanços tornam possível que mais vozes sejam ouvidas — inclusive as que antes eram silenciadas por limitações técnicas ou sociais.

E o futuro da linguagem humana? Essas transformações trazem questões importantes:

Como preservar a autenticidade em meio à automação?

Como usar a IA para enriquecer, e não empobrecer, a linguagem?

Será que a nova alfabetização do século XXI é aprender a dialogar com máquinas sem deixar de lado nossa humanidade?

A resposta pode estar no equilíbrio. A IA pode ser uma aliada desde que não substitua nossa voz. Podemos (e devemos) aprender a usar essas ferramentas com intenção, propósito e criticidade. Ser eficientes, sim. Mas também subjetivos, criativos e contraditórios como só nós sabemos ser.

A inteligência artificial está mudando como falamos, com quem falamos e para que falamos. A decisão agora é nossa: seremos apenas usuários de uma linguagem automatizada, ou autores conscientes de uma nova forma de expressão?





Foto criada por IA

# Reflexões para um futuro ainda humano

A inteligência artificial nos ajuda a escrever mais rápido, responder com mais clareza, buscar com mais precisão. Mas em meio a tanta eficiência, é fácil esquecer de pensar por conta própria. Antes de encerrar essa leitura, convidamos você a fazer uma pausa e refletir.

1. Estou realmente aprendendo ou apenas terceirizando meu raciocínio?
2. Se a IA escreve por mim, o que ainda posso chamar de “meu”?
3. Qual o limite entre ajuda e fraude no uso da inteligência artificial?
4. Como manter minha autenticidade em um mundo de respostas padronizadas?
5. Se todos usarem IA, o que me tornará único no meio acadêmico ou profissional?

A tecnologia continuará avançando disso não temos dúvidas. Mas o que faremos com ela, como a usaremos, o que escolheremos manter como essencialmente humano isso depende de cada um de nós. Que esta revista tenha provocado mais do que respostas. Que ela tenha despertado perguntas, inquietações e possibilidades. Obrigado por nos acompanhar até aqui. E lembre-se: a inteligência pode ser artificial, mas a consciência precisa ser sua.





Que a escrita continue humana  
mesmo quando for auxiliada por máquinas.

Foto criada por IA

Nesta jornada entre o lápis e o algoritmo, aprendemos que o mais importante não é o que a IA é capaz de produzir, mas o que escolhemos fazer com ela. Que a tecnologia siga sendo ponte nunca substituto. Que a autoria nunca se perca. E que, acima de tudo, saibamos usar a inteligência artificial com inteligência emocional. Até a próxima edição.

[www.EQnews.com](http://www.EQnews.com)

*Ezine produzida por alunos do curso de Engenharia Química, UFSCar, 2025.*